

# REVISTA SUL-AMERICANA

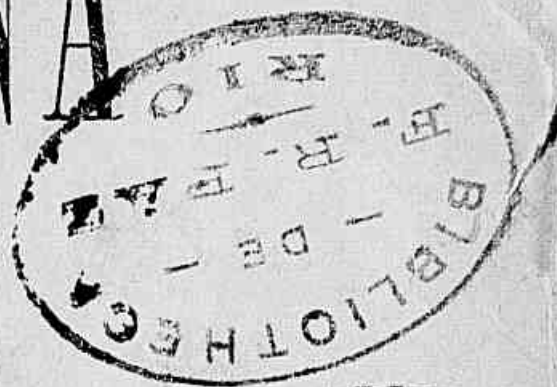
BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

Rio de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil . . . . 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulan & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Allemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.



## O CENTRO BIBLIOGRAPHICO VULGARIZADOR

Compra e vende livros raros e preciosos: restos de edições e edições inteiras; bibliothecas particulares e livrarias para liquidar.

Permuta obras estrangeiras e nacionaes, e serve de intermediario para com as livrarias das provincias e do estrangeiro.

Encarrega-se de liquidar por meio de vendas, leilões geraes e parciaes, livrarias, bibliothecas e edições. Organizando para isso catalogos e encarregando-se da sua publicação e vulgarisação.

Encarrega-se de publicações por conta dos autores, do governo geral ou provincial: da distribuição pela imprensa nacional e estrangeira, bem como da respectiva venda e propaganda,

## Bibliographia Brasileira

ANNO II — 15 DE JANEIRO DE 1889 — BOLETIM XII

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, lithographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

### Primeira Parte

#### Catalogo alphabetico das publicações brasileiras

##### LIVROS

323.—ADHERBAL DE CARVALHO A noiva. Escorço de um romance naturalista. S. Paulo?

324.—AFFONSO OLINDENSE No campo da honra, drama historico. Recife.

325 \*—CHARLES MOREL Guia do Emigrante—A Provincia de Minas. 3º da colleção *L'Etoile du Sud*.

326.\*—CIRNE LIMA (Francisco de Paulo P.) A helice, formula para achar o passo. Pará.

327.—COELHO MACHADO (Raphael), Dicionario Musical, 3ª edição refundida por Coelho Machado Junior. Paris, E. Mellier, editor.

328.\*—COSTA BRITO (Frederico Carlos da) Exercicios de analyse portugueza, lexicologica e syntactica, precedidos dos estudos indispensaveis á analyse syntactica. Rio de Janeiro?

329 \*—EMILIANO PERNETA Musicas (Poesias)—S. Paulo?





330.—INSTITUTO HISTORICO. Homenagem ao seu quinquagenario em 21 de Outubro de 1888 (Fundado em 1838) Supplemento ao tomo LI da Revista trimensal. Rio de Janeiro, Typ. de Pinheiro & C., rua Sete de Setembro 1888. 8º com 343 pags. e algumas inum, e os retratos de S. M. o Imperador; Conego Januario da Cunha Barbosa; Marechal Cunha Mattos; Visconde de S. Leopoldo, Barão de Santo Angelo, Marquez de Sapucahy, Joaquim Manoel de Macedo, Visconde do Bom Retiro, Conego Fernandes Pinheiro e Joaquim Norberto de Souza e Silva.

331.—JOÃO RIBEIRO. Diccionario grammatical. Contendo em resumo as materias que se referem ao estudo historico comparativo da lingua portugueza. Rio de Janeiro, Livraria Classica de Alves & C. editores 46 e 48 rua Gonçalves, 16 em IV—404 pags.

332 \* —MONCORVO DE FIGUEIREDO (Dr.) Valeur des injections hypodermiques de cafeine dans la therapeutique infantile. Rio de Janeiro.

333 \* —O ORADOR popular collecção de discursos para banquetes, baptisados, casamentos, enterros etc., etc.

334 \* —OSCAR VARADY. Questão Agrícolas—Colonisação, variedade de cultura, imigração chinesa. Discurso pronunciado na Assembleia Legislativa provincial do Rio de Janeiro.

335 \* —RELATORIO das operações da sociedade de seguros sobre vida *Caixa geral das familias* no primeiro exercicio terminado em 30 de Junho, do segundo periodo balancial. Rio de Janeiro?

336 \* —SILVA BRANDÃO (Thomaz da) Syntaxe e construcção da lingua portugueza. Rio de Janeiro A. J. Gomes Brandão, editor.

337 \* —VERISSIMO R. VIEIRA —Grammatica elementar, Rio de Janeiro, Laemmert & C., impressores.

338 \* —XAVIER FERREIRA (José—director das officinas de machinas, membro da Comissão de vistorias do Arsenal de marinha do Pará) Cathecismo do machinista—Pará?

#### MUSICAS

137 \* —ABDON MILANEZ—Tentadora valsa. Isidoro Bevilacqua, editor.

138 \* —BELLINI BORGES (Rodolpho) Saudação á Limeira, Buschmann & Guimarães, editores.

139 \* —CARDOSO DE MENEZES (Dr. A.) Gran Via, valsa de Chueca & Valverde, arranjada

para quatro mãos por Narciso & Arthur Napoleão, editores.

140 \* —CAULE—Não sei nem quero saber, polka extrahida da revista *O Homem*. A. Fertin de Vasconcellos & C., impressores.

141 \* —FRANCISCO SANTINI — Gabriella, valsa. Buschmann & Guimarães, editores.

142 \* —GEORGINA M. OLIVEIRA—Corôa de louros, mazurka brilhante.

143 \* —JOÃO ELIAS DA CUNHA—Laudimia, marcha para banda marcial.

144 \* —ZACARIAS FREITAS—Amelia Lopiccolo, polka. Narciso & Arthur Napoleão, editores.

#### Notas Bibliographicas

Do Sr. Valle Cabral recebemos umas rectificações em relação ao que dissemos na nota publicada no n. 6 d'esta revista, que só agora podemos dar á publicidade.

Eis o que nos escreve o distincto bibliographo:

«1º engano — Não só descrevi a Relação da entrada (n. 1), como o romance (n. 2) e os epigrammas (n. 3). Deixei tudo bem distincto.

2º engano — No livro está Martinezabad e não Martinez Abad, como quer o critico, que entretanto diz não se encontrar este nome em livros de bibliographia.

Hoje escreve-se Lacroix, Lacaille, Lafontaine, Duprat, Castello Melhor, Montenegro, quando antigamente se publicava La Croix, La Caille, La Fontaine, Du Prat, Castelmelhor, Monte Negro. Sahindo o nome em uma só palavra, era de rigoroso dever meu não alteral-o.

3º engano — Não accusei o *Exame de Bombeiros* como impresso no Rio de Janeiro. Escrevi: « Passa porém como certo que dessa mesma typographia sahiram clandestinamente as duas seguintes obras, com indicações suppostas de logar, officina e anno de impressão. »

E depois de descrever os dois livros, accrescentei: « A occasião não é opportuna para se investigar si de facto estas duas obras de Alpoim sahiram da officina de Antonio Isidoro da Fonseca, pois ora se trata da historia da Imprensa Nacional e não da da imprensa no Brazil. »

Já se vê que nada affirmei. O assumpto não estava estudado e ainda agora não entro na sua discussão. Mas fique desde já consignado: Quanto ao *Exame de Ar-*



*tilheiros*, a *Gazeta de Lisboa* de 23 de Junho de 1744 nos seus annuncios de apparecimentos de obras, diz: « Sahiu um livro intitulado *Exame de Artilheiros*... composto por Alpoim, lente da Acad. Mil. do Rio de Janeiro. » O livro vendia-se em casa de Antonio da Silva, talvez o impressor José Antonio da Silva, que publicou a obra de Rocha Pitta em 1730. Note-se que este livro de Alpoim sahiu da « nova officina » de José Antonio Plates. Não dei como falsas suas indicações typographicas; apenas aduzi a tradição impressa que achei, pondo logo duvida, como se vê no segundo trecho acima reproduzido.

E quanto ao *Exame de Bombeiros* se dá o mesmo caso.

A impressão desta obra parece ter sido terminada em 1754, apesar da folha de rosto indicar 1748, provavelmente quando começou a ser impressa. Seu apparecimento é assim annuciado na *Gazeta de Lisboa* de 2 de Maio de 1754: « Imprimiu-se em quarto o livro intitulado *Exame de Bombeiros*, obra nova ainda não escripta de antes por nenhum auctor portuguez.... Tudo magistralmente escripto pelo coronel Alpoim, lente da Acad. Mil. do Rio de Janeiro. » Vendia-se na officina de Luiz Francisco Ameno, impressor muito conhecido do XVIII seculo e que publicou em 1749 os *Annaes do Maranhão de Berredo*, e em 1748 a *Relação da Colonia do Sacramento* de Silvestre Ferreira da Silva.

E' caracteristico que tanto o impressor supposto de Madrid, como o vendedor, impressor verdadeiro de Lisboa, chamam-se Francisco. E' verdade que no comêço do XVII seculo havia em Madrid um impressor de nome Francisco Martinez, que em 1638 publicou a « *Relacion de la victoria que alcanzaron las armas Catolicas en la Baia de Todos Santos, contra Olandeses.* »

A 17<sup>a</sup> gravura da obra de Alpoim traz: « Jozé Franc. Chaves. fecit. — Rio, 1749. » Não é o nome do gravador, mas do auctor do desenho, feito, como se vê, no Rio de Janeiro, um anno depois da data do frontispicio do livro.

No meu travesseiro sempre duvidei que « qualquer das duas obras fossem aqui publicadas; e o que escrevi em 1881 nos *Ann.es da Imprensa Nacional* fica bem sensivel.

Entretanto o critico diz que « julga-se com todo o fundamento » ter sido o *Exame de Bombeiros* impresso no Rio de Ja-

neiro. » Ora, onde está esse fundamento, é exactamente o que desejava saber.

Os enganos meus apresentados pelo illustrado critico ficam pois desfeitos.

A. DO VALLE CABRAL.

Rio, 14 de Junho, 88.

O Sr. Valle Cabral capitulou de engano a falta de minudencia de minha parte em não citar o seu nome em todas as publicações saídas das officinas de Isidoro da Fonseca, o que tambem não fizemos em relação a Innocencio Francisco da Silva, Francisco Adolpho Varnhagen, Moreira de Azevedo, José Silvestre Ribeiro e outros que tem tratado d'essas publicações colonias.

Com referencia a Martinez ou Martinezabad, confesso que não apurei o caso de momento, como aliás poderia fazel-o, pois possuo um exemplar do *Exame dos Bombeiros*.

Diz o Sr. Valle Cabral « Não accusei o *Exame dos Bombeiros* como impresso no Rio de Janeiro ». Nem eu disse tal — referi-me sim ao *Exame de Artilheiros*. E' certo que nos *Annaes da Imprensa Nacional* com referencia a ambas, diz o seu illustrado autor « Passa porém como certo que dessa mesma typographia sahiram as duas seguintes obras com indicações suppostas do lugar, officina e anno de impressão. »

Quanto aos fundamentos que o Sr. Valle Cabral deseja saber, em que se baseiam aquelles que suppõe ter sido o *Exame de Bombeiros* impresso no Rio de Janeiro, sinto de momento não poder satisfazel-o, pois o que mais desenvolvidamente tenho escripto a este respeito, bem como sobre outras duvidas bibliographicas, nem cabe neste pequeno espaço, nem pretendo publicar senão nos dous volumes que como mesmo titulo que dei a estas observações — *Notas bibliographicas* — a seu tempo apparecerão, como parte de uma serie de estudos e investigações, que collijo ha uns bons vinte annos.

F. F.

O municipio de Cunha, na provincia de S. Paulo, contava em 1887 fructificando 117.620 videiras, com 211.000 que plantou o anno passado conta actualmente 328.620 videiras. A colheita de 1888 produziu mais de 50 pipas de vinho, alem de pequenas quantidades como ensaio.



## Movimento espiritual do Brazil no anno de 1888

(Retrospecto litterario e scientifico)

### I

«Vinte annos! Vinte annos de completa esterilidade no terreno das lettras.

Não temos um romancista, não temos um poeta, não temos um dramaturgo, não temos um critico de alta e vasta capacidade. Não appareceu um espirito superior, um vulto que se impozesse á reverencia geral.... »

« Caturrice de romantico desorientado, cegueira de quem perdeu o senso da direcção! Nunca o Brazil andou tão bem; agora sim! Agora é que pisamos resolutamente na senda das grandes crêações.

Olhe, veja quantas superioridades: que bellos versos parnasianos, que romances naturalistas, que poetas, que prosadores! Agora sim, temos litteratura... »

« Onde o successor de Gonçalves Dias, o herdeiro de Alencar? »

« Saia-se d'ahi com o seu Gonçalves Dias e o seu Alencar.

Não valem um decimo de Olavo Bilac e de Aluizio Azevedo, por exemplo.

Que é o *Guarany* diante do *Homem*, o *Gigante de Pedra*, diante do *Sonho de Marco Antonio*? »

Assim discutiam ao meu lado no primeiro dia d'este anno, encolerizados e rubros, dois lettrados, d'esses que fazem critica de almanack, a critica dos nomes proprios.

Cada um d'elles fazia metaphysica a seu modo, encurralava-se no *absoluto*, na concepção *ideal* de seu tempo, desconhecia a evolução normal dos phenomenos intellectuaes, e não via mais nada além de seu horizonte. Ambos, atufados no erro, eram idolatras das phrases feitas. São do numero d'aquelles que recebem a moeda alheia sem lhe verificar o cunho.

Puz-me a reflexionar sobre o caso e veio-me a ideia de fazer esta especie de balanço intellectual do paiz no anno que findou e vêr si ha *saldo* ou *deficit* em nossa conta na contribuição geral dos povos para a cultura do seculo.

Qual a quota do anno que passou nos annaes do pensamento *nacional*?

Digo nacional e não *humano*; porque o Brazil ainda não fala bastante alto para ser ouvido do mundo inteiro; a esforços

seus ainda não se abriram novos caminhos ao pisar da humanidade, novos horisontes ao revoar das ideias.

Como todos os povos ainda jovens, não temos o lazer indispensavel ás grandes luctas do espirito, nem a plasticidade que serve de alicerce a taes luctas.

Acabamos apenas de levantar nossa tenda na direcção do progresso; não lhe arrumamos ainda todos os compartimentos para sentarmo-nos, descuidosos das necessidades materiaes, ao lado dos sabios e pensar e meditar com elles.

Os interesses de momento, as urgencias despoticas do viver diario preoccuparam ainda durante o ultimo anno todas as forças vivas da nação, deixando estreita margem ás pugnas desinteressadas do pensamento.

A politica foi a nota dominadora, e da politica o facto culminante foi a libertação dos escravos.

Si semelhante conquista politica tivesse sido o resultado de fortes labores intellectuaes, faria naturalmente parte de nossa resenha e entraria n'este quadro.

Mas, eu o pergunto, como conquista intellectual que vale a lei de 13 de Maio?

Nada, absolutamente nada!

Todo o trabalho já estava feito pela propaganda de cincoenta ou sessenta annos, activada nos ultimos tempos.

Os imbecis do ministerio colheram apenas o fructo que pendia de apodrecido.

Nem um discurso notavel se ouviu; nem planos novos de governo e de desenvolvimento economico appareceram depois que amparassem a mediana medida.

Entretanto, a basofia governamental chamou a si as gloriolas do pequeno facto, cahiu de joelhos entumecida e parva, pretendendo que a nação inteira se prostre aos pés de não sei que figura d'*Enganadora* que paira lá nas alturas...

Matreirice safada de governichos reles.

Nada ha a joeirar como ideia, como produção espiritual no estreito circulo em que se moveu o facto simples, que tem feito tontear tanta gente.

Nem ao menos pelo lado esthetico a coisa deu rebentos que prestassem. As festas promovidas aqui e nas provincias foram de uma chateza compungidora.

Nada ha a joeirar, nem até nos escriptos e discursos do celebrado Polonio da abolição, antes e depois de phenomenal successo, praticado por toda a parte e por toda a



gente, sem a invenção ruidosa de *Redemptorismos* patuscos.

Não pôde haver justificação á fama que circundou algum tempo o nome d'esse declamador banalissimo, sem estudos, sem sciencia, sem ideias, sem estylo, sem uma só das qualidades do escriptor, ou do orador de merito.

Em tres generos de actividade tem elle estrebuchado para ahi no furor de sua fatua, nulla mediocridade e incompetencia: romances, artigos politicos, discursos.

Por toda a parte é sempre o mesmo ignorante safaro, addiccionado ao declamador inchado, palavroso, inanido de ideias, sem profundeza, sem originalidade, sem espirito, sem uma sombra qualquer de verdadeiro talento. No eterno carnaval da politica e da litteratura do Rio de Janeiro elle representa um papel de *zabumba* martelante, atordoador; mas ôca e vasia como as geringonças de uma palhaçada africana.

Poder-se-hia fazer talvez excepção para os escriptos politicos do Sr. Joaquim Nabuco, si o desnorteamento completo do deputado pernambucano não fornecesse hoje, aos olhos de todos, os vivos signaes de pasmosa decadencia. Com o seu entusiasmo *isabelico* de um abolicionismo posthumo, e seu furor anti-republicano, o ex-publicista do *Paiz* deu em entregar-se a posições e attitudes de um acrobatismo mental, onde as quedas contam-se pelos saltos.

Fez a todos pena vê-lo n'esse jogo marmombreiro e inglorio.

Entremos, pois, nos puros dominios litterarios e scientificos, deixando o charlatanismo politico sapatear e esbofar-se a seu bel prazer longe de nós.

Nada de preambulos e vamos ao assumpto.

A indole d'este escripto não reclama a historia e a critica detalhada, nem a estatistica e a catalogação de todas as publicações brasileiras do anno de 1888.

Essa tarefa, si possivel fosse leval-a avante, deixal-a-hia de bom grado aos inventariantes do jornalismo ou ás *traças* das bibliothecas, animaes pacientes que se aprezem em miudezas e minudencias.

Meu fito é mais alto, mais difficil, mais nobre e mais util: dar a ideia geral, a nota característica do momento espirital da nação, fazer a diagnose da intelligencia pátria pela apreciação das publicações mais valiosas do anno que acaba de desaparecer.

SYLVIO ROMÉRO.

## O Dr. Sylvio Romero

### *E a Historia da litteratura brasileira*

No Rio de Janeiro ainda existem pessoas que nutrem a respeito do Dr. Sylvio Romero prevenções apenas justificaveis pela ausencia da analogia de caracteres.

A differença gera o odio, dizia Beile-Stendhal; só o que comnosco se parece é que nos inspira verdadeiro amor. As coisas extranhas, umas vezes nos encham de pavor, outras provocam sentimentos de destruição. Entre todos os animaes nenhum como a serpente tem fornecido assumpto a tão grande numero de lendas terrificas. Também é verdade que nenhuma especie zoológica apresenta aspecto tão antagonico ao da humanidade; o que não quer dizer que essa especie esteja tão distante da nossa raça a ponto de fazer esquecer a origem commum a todos os seres vivos.

Quando em 1880 appareceu nesta Côte o autor da *Historia da litteratura brasileira*, a avaliar pelas antipathias que contra elle se levantaram, tanto entre moços como entre velhos homens de lettras, era bem licito acreditar que alguma cascavel, sahida dos sertões de Sergipe, viera postar-se de repente á rua do Ouvidor ameaçando todo o mundo com a violencia de sua mortifera peçonha. Enganavam-se, porem, os que isso suppunham, porque não só o Dr. Sylvio Romero não trazia essa pretensa enorme somma de veneno crotalico, como vinha avido de boas impressões e cheio de amor pelas coisas de sua patria. Um elemento, com tudo, lhe faltava,—e isto é bastante para explicar a grita,—um elemento indispensavel a todo aquelle que, propondo-se uma propaganda difficil, é obrigado a realisal-a rapidamente e entre gente habituada aos requintes da vida incomparavel das grandes capitaes. Sob esse ponto de vista, era inconcebivel que o critico sergipano fosse recebido de outra maneira. Aos olhos do Rio de Janeiro e diante dos habitos mentaes da Côte, elle não podia apresentar-se se não com o aspecto de um barbaro; e embora partindo de um cerebro illuminado pelos focos scientificos do neo-criticismo allemão, a dinamica de suas idéas, a rudeza dos seus argumentos, e a negação peremptoria de um regimen litterario extincto na Europa, ainda sobrevivente no Brazil, revestiam-se de indignações que forçosamente teriam de ferir



a susceptibilidade de todos quantos se julgavam representantes das idéas progressistas. Para evitar semelhantes illusões seria preciso que o critico, alem das qualidades eminentes de analysta que possue, alem dos dotes philosophicos que o distinguem, tivesse mais a habilidade do artista. Ora, o Dr. Sylvio Romero é um pensador, um pensador audaz; mas illudir-se-hão todos aquelles que pretenderem encontrar nelle um Michelet, um Renan, ou mesmo um Taine. Ninguem entre nós se tem mostrado tão apto para investigar as origens, e estabelecer-se as filiações do pensamento brasileiro sob todos os pontos de vista de suas manifestações *vis a vis* dos productos da cultura Européa; ninguem entre nós possui envergadura tão apropriada para apprehender trabalhos semelhantes aos que fizeram Teuffele e Bernhardt relativamente ás litteraturas Grega e Romana. Devo todavia confessar que as construcções de caracter esthetico não são as que mais se amoldam á natureza do seu intellecto.

Para isto seria indispensavel que elle fosse mais accessivel á sensação concreta das coisas, isto é—era necessario que elle tivesse em maior escala o sentimento exterior ou pictoresco da vida em seu conjuncto. E' esse sentimento, de cuja ausencia se resentem, não sei si em bem ou si em mal, muitos analystas profundos, muitos pensadores de primeira ordem, a razão do interesse e do colorido que se notam em certas obras. E foi por este motivo principalmente que o *barbaro* nortista não alcançou desde logo o prestigio a que tinha direito o seu nome já pela grande copia de erudicção que lhe servia de lastro, já pela responsabilidade que o acompanhava na qualidade de portador de adiantamentos scientificos, apenas accusados por dois ou tres madrugadores da sciencia brasileira.

Hoje, que a sua reputação acha-se firmada por um arduo trabalho e que uma obra extensa offerece espaço bastante para apprehender-se toda a extensão do seu talento, já se faz sentir a falta de um estudo ou de uma revista de onde em synthese se apreciem o caminho percorrido por esse nosso critico, a parte importantissima que elle tem tomado no nosso desenvolvimento litterario e a definitiva orientação do seu talento quer como homem de lettras, quer como historiador. Esse trabalho até pouco tempo não era simples. Estando, porem, agora todas as difficuldades, que se offere-

ciam a quem se encarregasse dessa perquisição, desvanecidas com a publicação dos dois volumes que acaba de realizar a casa Garnier, seria indesculpavel protrahir-se esse estudo.

N'esses dois livros estão reunidas, condensadas todas as idéias, todas as theorias, todos os trabalhos do autor sobre philosophia, sobre arte, applicadas á civilização brasileira. Tambem nelles se encontram, em contraste perfeitamente apreciavel, todas as divergencias provenientes das diversas forças propulsivas, que successiva ou parallelamente foram actuando no espirito do autor durante o crescimento de sua obra. E' o que vou tentar.

Essas forças podem ser compendiadas em tres secções distinctas. Dividirei, portanto este meu estudo em tres partes essenciaes. Na 1ª tratarei do temperamento de Sylvio Romero, isto é, encararei exclusivamente o *polemista*; na 2ª me occuparei com o *germanisante* e com a cultura da escola pernambucana, fundada por Tobias Barreto; na ultima mostrarei o *analysta* e a autonomia de sua obra.

ARARIPE JUNIOR.

### A immigração em 1888

De Janeiro a Dezembro do anno transacto só pelos portos do Rio de Janeiro e de Santos, que são as principaes para este ramo de serviço publico, entraram :

Mezes.	Porto do Rio.	Porto de Santos	Total
Janeiro. .	4,043	2,020	6,063
Fevereiro. .	4,375	6,286	10,661
Marco. .	3,629	7,434	11,063
Abril. .	2,087	7,581	9,668
Maió. .	4,156	7,970	12,126
Junho. .	3,254	4,572	7,826
Julho. .	1,844	3,484	5,328
Agosto. .	3,228	3,339	6,567
Setembro. .	2,230	4,231	6,461
Outubro. .	6,088	8,584	14,672
Novembro. .	9,463	9,756	19,219
Totaes.	44,397	65,257	109,654

As entradas nos mesmos portos nos annos de 1882 a 1887 foram as seguintes :

1882. . . . .	27,197
1883. . . . .	28,670
1884. . . . .	20,087
1885. . . . .	30,135
1886. . . . .	25,741
1887. . . . .	55,986
Total. . . . .	187,816



## Política e Administrativa

12 de Janeiro de 1889,

O anno de 1889 despertou envolto em uma atmosphera quente, nevcenta de pó e impregnada de olor sanguento e suarento. Verdadeira aurora de 89; parecendo reviver aquellas acres emanções que ha um seculo, quasi que dia por dia, atravessando extensos mares, foram aos recessos das terras brasileiras despertar no espirito mineiro a ideia de uma patria perfeitamente livre. Os acontecimentos poderão desmentir as predições, mas o certo é que o novo anno veio encontrar a parte pensante de toda a população deste vasto paiz, de extremo norte a extremo sul, procurando esconder de si mesma o pontosinho que lhe annuvia o horisonte, e a preoccupa e intimida.

A cidade do Rio de Janeiro ainda n'aquelle momento ouvia os fracos gemidos partidos dos catres dos hospitaes ou dos modestos aposentos particulares, das victimas de uma escaramuça, que posta ao lado de outras lutas presenciadas por esta mesma cidade quasi nenhuma importancia assume, mas na ordem dos factos que ha mezes se dão em todo o paiz impõe-se á meditação daquelles a quem interessa o futuro do Brazil e a tranquillidade social.

Poucas vezes uma occurrencia de tão curta duração tem preocupado tanto a attenção publica e produzido de momento tão extranhas viravoltas. A imprensa da cõrte, quasi em sua maioria, favoravel ao governo desuniformisou-se no julgamento do facto; uma folha da maior importancia, que prestava ao ministerio 10 de Março o mais decidido apoio, rompeo em opposição tal que obrigou a retirar-se da redacção um dos seus mais proeminentes escriptores e dar entrada a outro que por francamente adverso ao governo, por sua vez ha mezes se retirára de outra folha não menos importante.

Documentos da maior valia, uns pelo character official e outros pelos nomes que os firmam vieram a luz, e comparados entre si, esclareceram por tal forma o espirito publico, que hoje não ha duvidar que se trata de uma politica de repressão.

Será ella conveniente á causa monarchica? Eis a questão que cumpre aos in-

teressados discutir; pela minha parte só direi que a perseguição produz martyres, e que uma causa quando tem martyres é uma causa vencedora — exemplo, e bem recente, a do abolicionismo.

Que a politica de repressão se já não é um programma do gabinete, pelo menos é um ensaio que se desenvolve, provam outros factos que se succederam aos do dia 30 do passado, como os da cidade de Campos e o de Bragança, na provincia de S. Paulo, e se este não deixou como o da cõrte vestigios de sangue é porque o propagandista republicano teve a louvavel prudencia de preferir calar-se a expor os seus ouvintes a um assalto como o da rua Club Gymnastico.

Como de costume a policia da cõrte abriu inquerito sobre os acontecimentos do dia 30, para nada esclarecer ou esclarecer demais. Um dos depoentes, o conferencista da reunião assaltada no edificio da sociedade franceza, mostrou-se homem de espirito trazendo á luz publica o seu depoimento *verbum ad verbum* que a policia queria conservar em segredo de justiça; isso seria bastante para dar-se por finda uma formalidade que nada adeanta ao caso, se não houvesse proposito de produzir-se um thema para os entrelinhados. A marcha dos acontecimentos porém seguirá seu rumo qualquer que seja o resultado de semelhante inquerito.

Foi no meio de tão tristes impressões que no dia 4 de Janeiro o ministerio julgou o melhor momento para recompor-se, deixando a pasta da marinha o senador Luiz Antonio Vieira da Silva e a do imperio o deputado José Fernandes da Costa Pereira, passando para o lugar deste o deputado Antonio Ferreira Vianna, que occupava a pasta da Justiça, e para o lugar daquelle entrando o deputado Barão de Guay; e para a pasta da Justiça o deputado Francisco de Assis Rosa e Silva.

Deste modo ficou ainda o ministerio com maioria de senadores; e se o fim da recomposição foi restabelecer-se a maioria de deputados, não se julgaria conseguido o objectivo se não se esperasse ainda uma outra modificação, a da retirada do senador Antonio da Silva Prado, que ha quem afirme não voltar mais da licença obtida por dous mezes para ir á S. Paulo e de lá ás aguas de Caldas ou Alambary. Pessoas



que privam com o governo affirmam que o senador Antonio Prado exgotada a licença pedirá a sua demissão; e que então será substituido por um deputado que daqui até lá terá pleno conhecimento do estado do seu districto para a reeleição.

A recomposição ministerial não trouxe reforço ao ministerio 10 de Março, politicamente fallando, o Barão de Gualhy é um cavalheiro muito amavel e bastante rico, um negociante dos mais altos creditos e geraes sympathias da Bahia, mas como politico não é uma força parlamentar nem um chefe do seu partido. O deputado Rosa e Silva é um moço de talento, ninguem o contesta, mas pouco accessivel, até mesmo um tanto cheio de si, olhando sobranceiro para o resto da humanidade e tendo a cidade do Rio de Janeiro na conta de uma parasita que suga toda a seiva do seu norte.

Os dous ministros demissionarios, é certo que não davam maior prestigio ao gabinete; o senador Vieira da Silva é uma illustração, mas na pasta da marinha não deixou vestigios de sua passagem que lhe perquire o nome; o deputado Costa Pereira, começava a decahir da respeitabilidade publica que antes de tudo deve ser o apanagio de um ministro de Estado; era tempo de retirar-se.

Com a troca de pasta do deputado Ferreira Vianna, talvez ganhe o serviço publico. No ministerio da justiça, força é reconhecer, que a sua actividade em relação á magistratura não correspondera á expectiva de seus admiradores. O deputado Ferreira Vianna, entregou-se demasiadamente á missão da caridade, todos os seus desvellos eram para os mendigos e as creanças desamparadas; no tocante ao judiciario pouco ou nada fez; em relação á Policia desta cidade deixou-a exactamente como a descreve em seu *Relatorio* quando affirma assim tel-a encontrado.

Um dos ultimos actos como ministro da Justiça foi demittir de secretario da Relação o Dr. Joaquim Maria dos Anjos Espôsel, cargo esse que segundo reza o decreto da nomeação é vitalicio, levantando-se desta circumstancia a ponderavel questão, se o serventuario podia ou não ser demittido. No *Diario Official* foram publicadas varias peças officiaes sobre irregularidades praticadas pelo demittido.

Não entramos no exame d'essas peças, mas sempre diremos, que a alta administração no Brazil prefere sempre os caminhos turtuosos ao recto para punir um funcionario culpado, ou pela carencia de boas provas ou por um resto de equidade para com o culpado. O legal, o recto, o exemplar em taes casos seria a investigação, o processo e o julgamento; tudo o mais deixa em duvida tanto a justiça do ministro que demitte como a probidade do funcionario demittido.

Ou o ministro tem coragem para ser rigoroso para com o culpado, ou se a não tem, o melhor é deixar *co rer o marfim*. Facto identico ao da precitada demissão deo-se no ministerio passado com a aposentadoria do Barão de Paranapiacaba, que readmittido pelo actual ministro da fazenda, deixou até hoje o publico em duvida se o senador Belisario teve ou não razão quando praticou aquelle acto.

Depois da recomposição ministerial, deo-se a do preenchimento de vagas e modificação do conselho do Estado. Por decretos de 5 do corrente passou a servir como membro ordinario o extraordinario senador Luiz Antonio Vieira da Silva, sendo nomeados extraordinarios os senadores Visconde de Cavalcanti e Gaspar da Silveira Martins e o deputado Manoel Antonio Duarte de Azevedo. Todos muito competentes, mas que com as suas luzes não conseguirão melhorar o Conselho d'Estado, corpo meramente consultivo, e que só serve para os ministerios apoiarem-se a elle quando lhes convem ou atiral-o para um canto como peça inutil, se não lhes quadra ao resultado da consulta.

Antes de partir para S. Paulo e deixar talvez para sempre, ao menos neste ministerio a pasta, o senador Antonio Prado depois de firmar contractos por atacado para a introdução de milhões de emigrantes, como para distrahir-se de tamanho afan, preencheo os lugares de amanuenses de sua secretaria sem concurso, dando assim a mais franca prova do seu desrespeito pela lei. Custa a crêr, mas é verdade, ninguem se preocupou com isso; as nomeações foram publicadas como a cousa mais natural do mundo.

Fallava-se em reforma, annunciou-se



mesmo a sua futura e proxima publicação, noticiou-se as bases em que foi elaborada, mas afinal tudo ficou na mesma.

'Da administração provincial assignalase o facto do presidente de Pernambuco por acto de 2 do corrente ordenar que não fosse publicado, e consequentemente não se desse execução ao decreto da assemblea provincial prorogando por mais seis annos o contracto ou para melhor o monopolio da carne verde na cidade do Recife; acto esse pelo qual o presidente torna-se digno de louvores.

Na verdade só uma assemblea provincial, corporação que nestes ultimos annos tem baixado quasi que em todo o imperio o nivel moral a ponto de se tornar ás vezes tumultuaria, seria capaz de no fim do seculo XIX proteger o monopolio de um dos primeiros generos da alimentação publica. O que só admira é que isto se passe em Pernambuco e que um povo de tradições tão honrosas não faça em casos taes o que deve fazer.

Na mesma provincia assumiu no dia 3 do corrente a presidencia, em substituição ao Sr. Oliveira e Andrade, o deputado Innocencio Marques de Araujo Góes e na de Alagoas o deputado Aristides Milton.

Já vae longa esta rezenha para que possamos fazer algumas considerações á respeito destas férias parlamentares passadas em palacios presidenciaes. Sem irrogar injurias a quem quer que seja, estas nomeações de deputados para presidentes de provincia por 2 ou 3 mezes, semelha-se ao presente de um cartucho de amendoas sob a fórma da ajuda de custo.

Na provincia de Matto Grosso a substituição do presidente não correu ao que parece tão pacificamente como na de Alagoas e Pernambuco, pois segundo noticias recebidas á ultima hora, com que o presidente demittido não quiz submeter-se á deposição, reagio e na qualidade de commandante das armas mandou pôr de promptidão o 21º batalhão de infantaria para o que desse e viesse; sendo em tudo apoiado pelo deputado Barão de Diamantino que tambem não se conformou com o acto do governo geral.

E' bem o caso de dizer-se até o Barão de Diamantino! *Tu quoque....*

*Hypolito.*

## Factores externos da civilização no Brazil. Theorias historicas. O evolucionismo

E' de todo impossivel penetrar-se no intellecto de um povo, em suas variadissimas manifestações e nas relações subjectivas e psychologicas, assim como traçar-se as leis evolutivas do seu desenvolvimento, sem ter-se em maior consideração a influencia do elemento ethnico e do meio.

Estas duas forças, sem as quaes a selecção não poderia effectuar-se, pois, representam as duas principaes direcções em que se collocará o movimento social, presidem a todo o trabalho intimo que se opera no seio de uma raça.

Por isso mesmo que a materia organica e organizada não poderá evoluir sem a acção antagonica de duas forças que operem a integração e a differenciação, assim tambem a materia super-organica não poderá evoluir, sem ser presidida por sua acção.

Foi uma grande obra deste seculo a historia guiar-se por um alto senso philosophico e seguir os ensinamentos que lhe iam sendo dictados pelas sciencias physicas e biologicas.

Em quanto nestas ultimas as pesquisas não foram presididas por uma orientação de profunda analyse, legitimamente philosophicas, os achados scientificos não passavam de um corpo amorpho, sem relações reciprocas, sem contribuições e sem filiações.

Por esse caminho verdadeiramente analytico e naturalista chegou á affirmacção de que a evolução é um principio geral, fundado sobre a herança e a adaptação.

Sem estas duas forças as integrações e as distribuições de materia não se effectuariam.

Sobre toda a materia ellas actuam poderosamente, fazendo não só perpetuarem-se as qualidades essenciaes dos seres, como divergirem a funcção e a forma, pelas modificações do meio.

Essa verdade sendo levada para a historia, colloca-a em um caminho verdadeiramente philosophico e naturalista, olhando as sociedades como um organismo, cujas funcções é preciso estudar, synthetizando, por esse meio, os factos que a dirigem.

Sempre descobrindo nas duas cathogorias de materia—a organizada e a super-organica—uma identidade de funcção, uma





semelhança de causas, o espirito phylosophico da época chegou á conclusão de que a historia não poderá dar um passo, não poderá constituir-se como sciencia, emquanto não submeter-se aos conceitos e ás verdades das sciencias biologicas.

Na *herança* e na *adaptação* viram estas sciencias as legitimas forças da evolução. No *elemento ethnico* e na *acção do meio* irá a historia buscar a causalidade mais geral de todos os phenomenos historicos.

Da lucta entre estas duas forças, do gráo de equilibrio que hão de manter, ou a cultura do espirito vencendo a natureza, para pôla a disposição do progresso, ou esta sendo invulneravel, resultará a diversidade do character das civilisações.

Na cathegoria dos factores internos, temos a notar, como diz Spencer, (1) o homem individual, considerado como uma unidade social, com caracteres physicos capazes de determinar o desenvolvimento e a estrutura da sociedade. Distingue-se em cada caso, pelos caracteres emocionaes que favorecem, impedem ou modificam as acções da sociedade, e os progressos que as acompanham. Da mesma maneira sua intelligencia e as tendencias do espirito que lhe são particulares têm sempre uma parte na immobilidade ou as mudanças da sociedade. »

Na cathegoria dos factores externos ou extrinsecos, temos que apreciar a acção do clima que pode ser secco, humido, quente, frio, temperado; a do solo que pode ser improductivo, ou fertil, de uma configuração simples ou complexa; a das condições hydrographicas que podem ser favoraveis ou não; a da flora e fauna que hão de selar um cunho especifico no espirito da população.

Todas estas condições, em summa, representam uma influencia mais ou menos importante no character da civilisação.

Neste pequeno estudo só temos que tractar a dos factores externos.

Pela classificação que os authores fazem dos climas, de accordo com os tres elementos caracteristicos, o do Brazil é um clima quente, por isso que estende-se desde os tropicos aos grãos 30 e 35 de latitude austral e boreal.

Não obstante esta collocação astronomica, todavia a grande extensão occupada pelo paiz dá lugar a contestar-se essa unidade mesologica.

O clima de uma região tão vasta, diz Humboldt, não pode ser por toda a parte o mesmo: quente, humido e bastante semelhante ao das Guyanas nas provincias do norte, que confinam com a bacia do Amazonas, fresco e agradável nas montanhas do interior, approxima-se, descendo para o sul, ao dos *pampas*, que formam a maior parte dos estados do Prata. Sobre o littoral é caracterisado por um calor elevado que moderam entretanto as brisas do largo e por uma grande pureza do céu. »

Existe, pois, uma dualidade mesologica no Brazil, com a qual se tenta explicar a diversidade do character do brasileiro meridional e septentrional.

Sendo as mesmas as raças que se cruzaram, nos tempos coloniaes, se é levado a concluir que essa diversidade se ligará a uma acção estranha á força ethnica, desde quando as modificações impressas pelo clima sobre o character divergem tanto mais, quanto as relações physicas não se mantêm identicas.

Em um paiz de uma enorme extensão como o Brazil, que mede 8.350.000 kil., situado a 5 % de latitude boreal 32° 45' de latitude austral, 8° 19' de longitude oriental e 30° 58' de occidental, com duas zonas climatericas bem diversas, em que a temperatura oscilla de 14°, 44 a 37°, 77. e o gráo de saturação do ar pelo vapor d'agua varia do littoral, onde é humido e quente, para occidente, onde é quente e seco, comprehende-se que essa dualidade mesologica hade imprimir diferenças de character.

Emquanto o habitante do norte, rodeado de um ambiente quente, procura um alimento amylaceo, pouco nutritivo, deixando explodir o systema nervoso em descargas electricas, sob a menor excitação, cujo resultado é afoguesar-se a imaginação que sobrepuja o pensamento e as faculdades analyticas do espirito, ligando mais importancia á fôrma, do que ao fundo, á synthese do que á analyse e activando mais as faculdades estheticas, do que as scientificas; emquanto elle, habitando uma zona mais fertil, sente a vida mais facil e por conseguinte torna-se mais indolente, o que difficulta o espirito de iniciativa, a organização da industria, o levantamento da descrença contra as classes dirigentes da politica; emquanto elle, no meio de uma natureza luxuriante, de uma abundancia de alimento, entra na lucta pela vida, dobrando uma pequena somma de esforços,



o habitante do sul, com o systema nervoso pouco excitavel, não se deixa vencer pelas excitações, pelo sensualismo, para entregar-se ao trabalho de analyse e de pesquisa, preferindo o fundo á fôrma, o util ao bello; torna-se mais investigador, pela frieza do seu systema nervoso; vive mais do pensamento, do que da imaginação; concorre na lucta pela vida com uma maior somma de esforços; nutre-se de uma alimentação azotada, para equilibrar a destruição dos tecidos, pela oxidação que nelles opera-se, afin de estabelecer um equilibrio de temperatura; em summa, é um homem mais pensador, mais industrioso, mais pesquisador e mais descrente das instituições do seu paiz.

Eis ahi diferenças notaveis que separam no Brazil o habitante do norte, do habitante do sul e que patenteiam-se claramente no nosso movimento historico, de quasi quatro seculos.

Realmente centralisando-se as forças colonisadoras na Bahia, d'ahi dirigiram-se para o norte e sul.

Emquanto no norte alcançaram sómente um centro colonial de mais valor—Recife—, pois, os outros, como Maranhão, Rio Grande do Norte, Alagôas e Sergipe representam pouca força no movimento historico e são de formação tardia, no sul formavam-se centros como Rio de Janeiro, S. Vicente, Piratininga, S. Paulo, Itanhem e muitos outros, onde o movimento colonial prosperava consideravelmente.

Estabelecida a centralisação administrativa na Bahia, o jesuita entrou como força poderosa da colonisação, iniciando uma politica proteccionista ao indigena, por meio das missões, que elles com todas as forças procuraram espalhar por todo territorio.

Foi S. Paulo—Piratininga— a primitiva séde de um convento e onde procuraram centralisar suas forças, sendo incontestavelmente a zona meridional aquella em que, em começo, tornaram-se mais poderosos.

Não só em Piratininga, como S. Vicente, Rio de Janeiro, Bahia, levantaram suntuosos templos e multiplicaram as missões, grande meio politico por meio do qual a força religiosa queria plantar no Brazil um regimen theocratico.

O monopolio do trabalho que partia dos jesuitas, em suas missões, onde centralisavam as forças dos naturaes, com grande desfalque de braço para sustentar a lavoura

e activar a formação da riqueza, motivou felizmente muito cedo, nas regiões do sul, um solenne protesto contra uma tal politica, levantando-se os colonos contra os jesuitas que finalmente foram rechaçados para as regiões do norte, onde infiltraram pessimos habitos.

Realmente enquanto do sul o jesuita afugentava-se, em vista do espirito rebelde dos paulistas, dirigiam-se para o norte, onde, si circumstancias muito posteriores não entrassem em acção, perpetuariam uma theocracia.

Emquanto no norte a colonisação era dificultada pelos prejuizos que partiam da classe clerical, tornando-se a região uma verdadeira feitoria da fidalguia portugueza e abrindo-se profundas linhas divisorias entre as classes, no sul uma colonisação livre se estabelecia, sem a interferencia de causas que plantassem tão profundamente habitos de subserviencia.

Emquanto no norte o espirito da população não poudo resistir á crise do seculo 17º, com a invasão hollandeza, no sul ella resistio á invasão dos francezes e inglezes, no seculo 16º.

Foi no sul onde encontrou mais asylo o espirito de tolerancia religiosa, pela pouzada que se facilitou ao theologo João de Bolés, e no seculo actual o espirito da população dá as provas dessa tolerancia, pelo iniciamento e progressos da igreja protestante, de que tornou-se S. Paulo o foco e de onde vá irradiando-se para outros pontos do paiz.

Foi no sul onde levantou-se o primeiro brado de revolta, contra o regimen coercitivo e absoluto do governo colonial, querendo a população infiltrar as bases de uma politica democratica, na Inconfidencia de Minas.

Foi essa população que o scepticismo politico primeiramente atacou, e ella é por conseguinte a que gosa de um espirito mais inquiridor, mais pesquisador e progressista.

Sómente quasi meio seculo depois da Inconfidencia foi que nas regiões do norte levantou-se do seio da população um identico protesto, contra a permanencia de um regimen do governo centralisador, partido de Pernambuco.

Foi no sul onde primeiramente revelou-se a tendencia de estudar-se a natureza, e onde gerou-se o espirito scientifico, no final do seculo 18º e cujo resultado foi esse



protesto da opinião popular, contra o regimen do governo.

E foram os representantes desse movimento: José Vieira Couto, Bittencourt e Sá, José Bonifacio, Martins Francisco, Velloso, Velloso de Miranda.

Foi no sul finalmente onde iniciou-se o movimento abolicionista do seculo actual.

A que se deve ligar essas diferenças?

Fazel-as dependentes da diversidade do meio, sem levar em linha de conta os processos physiologicos para taes modificações, é estabelecer os elementos do problema, sem todavia resolvê-lo. Uma interrogação se nos apresenta: porque a diversidade do meio produz grandes diferenças do character?

Eis uma grande questão, para cuja resolução não nos achamos convenientemente preparados.

Encarada pelo lado da litteratura, lado muito mais restricto do que o historico, ella offerece larga divergencia entre dous espiritos illustrados deste paiz, dous infatigaveis trabalhadores da litteratura nacional—Dr. Araripe Junior e Sylvio Romero.

Para o primeiro a causa efficiente e exclusiva dessas diferenças é a acção do meio, é a physica geographica e é elle quem diz:

« A questão da historia da litteratura nacional, mais do que outra, em tudo só póde ser resolvida pela concentração das nossas vistas sobre o meio physico. E' o unico factor estavel de nossa historia, o unico que se consegue acompanhar, sem solução de continuidade. »

Para o Dr. Sylvio Romero o factor estavel, aquelle que mais poderosamente vae produzindo a integração e a differenciação do typo brasileiro, atravez do tempo, é o elemento ethnico e appella para o facto, aliás incontestavel, de que os climas foram agentes poderosos nas civilisações authochtones, passando para o segundo plano nas civilisações historicas.

Eis ahi a larga divergencia entre os dous illustrados litteratos.

Quer nos parecer, porém, que em um facto tão complexo, como este, de estabelecer a causalidade mais poderosa das integrações e differenciações de um povo, de indicar a causa da organização do typo brasileiro, como uma determinada formação historica, como um grupo sociologico, caracteristico e individualisado, não se póde ser exclusivista.

Não obstante não se puder contestar as diferenças de character nacional, ellas não são tão radicaes a romperem sua unidade.

Por isso mesmo que as civilisações humanas são o producto de duas forças, uma estatica e outra dinamica, da lucta continua entre a natureza e o homem, cremos ser impossivel, pelos materiaes que a sciencia da historia offerece ao historiador actualmente, estabelecer qual dellas seja a mais poderosa, por isso mesmo que de seu funcionamento reciproco, do seu equilibrio, hão de resultar os phenomenos historicos.

E procurando factos semelhantes no mundo biologico, havemo-nos de convencer desta verdade.

Para a transformação da flora e da fauna, qual foi a força mais poderosa, a influencia de meio sobre os organismos, ou a destes sobre ella?

Na evolução dos vegetaes de um estado tão homogêneo e instavel, atravessando os grandes cyclos da historia organica da terra, desde a idade archeolitica á idade anthropolitica, qual foi a força mais poderosa do desenvolvimento?

Como elles passaram de algas a coníferas, a arvores de folhas caducas e a arvores cultivadas?

Que é mais saliente, o meio ou as forças biologicas?

E quanto aos animaes, como passaram de acranianos, a peixes, a reptis, a mamiferos e finalmente a homens?

Quer nos parecer que da acção reciproca das forças physicas e biologicas, do estado de equilibrio em que se mantêm, resultou essa importante phenomenação, como o producto de uma acção reflexa, de um equilibrio de forças.

Appliquemos este principio a historia e estudemos melhor a questão.

FELISBELLO FREIRE.

(Continua)

### População Brasileira em Uruguay

A população brasileira no Uruguay, segundo os ultimos dados estatisticos, é avaliada em 60.000 almas.

O número de proprietarios brasileiros nos diferentes departamentos eleva-se 7.191 cujas propriedades ruraes são avaliados em 110.833:074\$000 da nossa moeda.



## Os quinze dias

Estamos sob o regimen de 89.

E' o anno da liquidação politica, e ao que se diz, o ultimo da monarchia americana. Ha um fermento revolucionario por toda a parte; a republica triumphou, e apenas deve-se registrar a existencia de um unico partido monarchico, o dos que esperam lugubrememente a certidão de obito de S. Magestade.

Ha, porém, outro grupo de monarchistas que ultimamente se revelou: a *Guarda Negra*.

Que é a *guarda-negra*?

Digamol-o em poucas palavras.

A *guarda-negra* é uma milicia recrutada entre os libertos da lei de 13 de Maio, e organizada especialmente para sustentar o terceiro reinado imminente. Mas como só ha tres prestigios consideraveis, o moral, o pecuniario e o da força bruta; e como a *guarda-negra* composta de analphabetos até ha pouco abatidos pelo captiveiro não pôde possuir regular instrucção, nem dinheiro, d'ahi se infere que o unico prestigio dessa instituição é puramente militar e consiste no pavor que inspira a capangada brutal e irresponsavel.

Entre parenthesis. *Guarda-negra* chamamos áquelle grupo de homens, alguns tresandando á pinga, que vimos percorrer a rua do Ouvidor no dia 30 de Dezembro, indecentemente vestidos, clamando *vivas* e *morras* em prosodia equivocada, appendiculados de cacetes e com ares tão pacificos que obrigavam o fechamento das portas e a fuga dos transeuntes, factos estes que não pareciam significar cauteloso caldo de gallinha, mas singela homenagem a tão mansuetos e sympathicos defensores da ordem.

Pôde ser que muito escriptor visse o contrario, mas nós preferimos a verdade a qualquer muito escriptor.

Se ha outra *guarda-negra* mais respeitavel do que esta, não a conhecemos, nem a vimos.

Assim pois, a idéa monarchica desamparada do exercito, acha-se fortalecida por uma milicia indisciplinada e composta de cosinheiros desempregados, mais ou menos vagabundos e de uns poucos de homens bons e uteis, perversamente illudidos na sua boa fé.

De tudo isto, tivemos a evidencia nos acontecimentos do dia 30 de Dezembro, pela aggressão que soffreram os republicanos.

Assaltando o *Club gymnastico francez* a pedradas e a bordoeira, a *guarda negra* estava perfeitamente no seu unico papel de reacção possivel: pois ninguem admite que esse proletariado analphabeto persuada pela rhetorica que não cultiva ou corrompa pelo dinheiro que não possui.

De sorte que semelhante gente ou é assalariada pelo governo e constitue uma milicia extra-numeraria, secreta e illegal pois que conspira contra liberdades já conquistadas e mantidas no regimen constitucional; ou não é assalariada, nem fomentada pelo governo e nesse caso deve ser severamente reprimida.

Não é isto bastante claro?

Juntam-se alguns homens no proposito que não acho louvavel, mas que acho inteiramente legitimo de defender o throno que corre perigo...

Inquiramol-os.

— Os senhores pretendem fundar um jornal, pretendem escrever pela defeza da monarchia?

— Não senhor; não temos jornal, nem saberíamos escrevel-o; a escravidão não deu tempo para que aprendessemos razoavelmente a orthographia.

— Os senhores pretendem fundar *clubs*? iniciar a propaganda oral por meio de conferencias, discursos?...

— Também não. Nunca frequentamos uma classe litteraria pelas razões acima declaradas.

— Pretendeis defender a monarchia com os votos nas eleições?

— Também não. Não fazemos parte do eleitorado.

— Em que consiste, então, o vosso plano de defeza?

— Em lambadas contra os republicanos, eis a unica resposta possivel.

— D'esta arte, o governo imperial inaugura ou acoroça um instrumento de reacção que lhe appressa a ruina. Está claro que nenhuma sociedade honesta e civilisada poderá viver sobre a pressão aterrorisante do cacete official ou officioso, e essa lembrança funestissima de co-acção material dentro em breve abrirá um sulco divisorio entre as raças cuja fusão não está completa ainda no nosso meio social.



Os poucos libertos que se têm desvairado depois da lei de 13 de maio, estão enganados quando contam d'essa data em diante a sua hegira de vingança contra os brancos, contra os mesmos que trabalharam na sua redempção, sem emprego da força e com toda a especie de sacrificios pecuniarios, intellectuaes e moraes.

O protesto de Santos mostra que os libertos não pactuam com as insinuações de certos brancos *nive et ira candidi*.

\*

Não ha espirito, por mais obtuso, que não veja, ao menos dentro de poucos annos, a ruina total da instituição monarchica, no Brazil.

A *força* não se aniquila, transforma-se.

E a força republicana actual é uma caudal soberana que resulta de varias convergencias: da antiga e tradicional idéa republicana, da autonomia da lavoura, já não precisante da protecção imperial; dos desesperos das classes em crise economica, do odio contra a immoralidade dos governos, da miseria das provincias, do abolicionismo que trabalhou pela liberdade e não ficou monarchico.....

O republicanismo esperava apenas a reacção armada e essa já deploravelmente se manifestou, mascarada ainda que iniludivel.

\*

Os symptomas d'essa agitação profunda, provocada pela desordem dos poderes publicos, não exigem perspicacia alguma para quem observa; não ha hoje uma só pessoa limpa que se não tenha ao menos lembrado de comprar um revólver para defender a honra, o interesse ou a propria individualidade; quasi não ha tribuna, nem ha imprensa, que se não intrincheire ou disponha quaesquer recursos de defeza para manter o direito da palavra contra uma miseranda aggressão da horda inconsciente.

\*

Por outra parte, todos os argumentos aproveitados contra a propaganda republicana são futeis quando não indignos e torpes.

A *guarda negra* que poderia ser uma bella sociedade beneficente, nunca será um partido politico, porque falha na sua melhor manifestação — na do suffragio.

E' uma torpeza, dizer que os republica-

nos desejam a immigração do chim; é uma indignidade, assoalhar que os republicanos são indemnistas; é uma calumnia, propagar que a republica é o despeito em acção contra o imaginario liberalismo da corôa.

Sabemos, outro sim, que o que se chama a *guarda negra* é a victima lastimosa do conselho de odios antigos que procuram infeccionar a sociedade honesta onde se afaga o inevitavel triumpho da democracia.

\*

Seja como fôr, a republica vencerá.

Não tivesse ella a energia sufficiente para vencer, ahi está a monarchia que se corrompe, apodrece, e se dissolve e se suicida.

Não é precisamente de uma *guarda negra* que as instituições vigentes mais carecem; é apenas de uma pá de terra e de um *de profundis*.

## Notas

A *Revista Sul-Americana* conta entre os seus collaboradores o erudito Dr. Felisbello Freire, chegado recentemente do Norte, e que em breve se tornará conhecido como o merece pelos seus talentos e notavel cultura.

A *Revista Sul-Americana* é uma publicação quinzenal, de numero indeterminado de paginas.

Para qualquer parte do imperio, a assignatura annual é de 5\$000.

.....

As linhas telegraphicas do Estado actualmente medem a extensão total de 10.633 k. 441 m. com o desenvolvimento de 18.363 k. 902 m. de fios, ligando 170 estações entre si.

Os cabos immersos nas bahias e rios que se intercalam nas linhas terrestres medem uma extensão de 47 k. 684 m. No exercicio de 1886 a 1889, que comprehende tres semestres afim de fazer coincidir o anno financeiro com o civil de 1888 em diante, em quinze mezes liquidados de 1 de Julho de 1886 a 30 de Setembro de 1887, numero de telegrammas pagos foi de 528.160 com 6.972:962 palavras, os quaes importaram em 849:640\$240.



## LIVROS COLLEGIAES

A VENDA NA

LIVRARIA CLASSICA

DE

ALVES &amp; COMP.

46 e 48 Rua Gonçalves Dias 46 e 48

*Diccionario grammatical*, contendo em resumo todas as materias que se referem ao estudo historico e comparativo da lingua portugueza, compilado por João Ribeiro, 1 vol. 4\$000

*Historia antiga do Oriente*, por João Maria da Gama Berquó, 1 vol. br. 1\$500

*Historia da Grecia e de Roma*, por João Maria da Gama Berquó, 2\$000

*Diurnal da mocidade christã*, dedicado aos filhos e filhas da terra de Santa Cruz, por monsenhor Carlos Couturier, 3ª edição, 1 vol in-32 2\$600

*Catechismo da doutrina Christã*, adoptado pelo conselho superior da instrucção publica para ser ensinado nas escolas do governo imperial, por monsenhor Couturier, 1 vol cart. \$500

*Geographia-Atlas*, contendo oito mappas, seguida de um ligeiro esboço chronologico da historia do Brazil e de cosmographia, dedicada á infancia, por monsenhor Couturier, 2ª edição revista pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol. obl 1\$000

*Trechos escolhidos*, para os exercicios graduados de analyse, por Felisberto R. P. de Carvalho, 1 vol. cart. 1\$000

*Arithmetica das escolas primarias*, organizada de accordo com os relativos preceitos pedagogicos, por F.R.P. de Carvalho, 1 vol in-32 cart \$800

*Grammatica allemã*, theorica e pratica, por Emilio Otto, adaptada ao programma de ensino no Brazil, por Adolpho Neumann, 1 vol. 4\$000

*Arithmetica da infancia e metrologia*, por monsenhor C. Couturier, bacharel em sciencias e em lettras, professor de mathematicas, 3ª edição, 1883, 1 vol in-32 cart. \$100

*Grammatica portugueza*, curso superior, 3º anno, por João Ribeiro, 2ª edição, correcta e augmentada, 1 vol. in-12 3\$000

*Grammatica portugueza elementar*, curso

medio (2º anno), por João Ribeiro, 1 vol. 2\$000

*Grammatica portugueza da infancia*, curso primario (1º anno), por João Ribeiro 1\$000

*Principios de composição*, descripções, narrações, cartas, etc., por Guilherme do Prado, 1 vol. 1\$500

*Systema metrico decimal*, por Jordão, 1 vol. com figuras representando os novos pesos e medidas \$800

*Arithmetica* (methodo para aprender a contar com segurança e facilidade), por Condorcet, 1 vol. \$600

*Epitome da Historia do Brazil*, pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol 1\$000

*Rudimentos de Chorographia do Brazil*, pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol. 1\$000

*Novo methodo pratico e facil* para aprender a lingua franceza com muita rapidez, pelo Dr. F. Ahn, adoptado ao uso dos brasileiros, por F. de Oliveira, 1 vol 1\$500

*Historia Sagrada* (pequena para a infancia, por J. L. C. Renaudin, obra premiada pela sociedade para instrucção elementar, traducção de D. Maria E. Leal, cart. \$500

*Florilegio brasileiro*, (Poesias para a infancia), por Jordão 1\$000

*Grammatica portugueza*, por Caldas Aulete edição brazileira, muito augmentada, principalmente na syntaxe, na orthographia e na prosodia. 1\$000

*Primeiro livro de leitura graduada*, por Zaluar, 1 vol ornado com gravuras \$600

*Segundo livro de leitura graduada*, por Zaluar, 1 vol. ornado com gravuras. \$600

*Cartilha maternal*, por João de Deus, 1 volume 1\$000

*Arithmetica*, para instrucção primaria, pelo Sr. senador Ottoni, 1 vol. 1\$000

*Trechos dos auctores classicos*, adoptados para os exames em 1887, por G. do Prado, 1 vol. 1\$500

*Calculo mental e uso do contador mecanico ou arithmometro no ensino elementar da arithmetica*, traducção e adaptação ás nossas escolas, pelo Dr. Alambary Luz, 1 vol. 2\$000

*Explicador de arithmetica*, por Eduardo de Sá, em collaboração com seu filho o engenheiro Crokatt de Sá, 2ª edição, muito augmentada, 1 vol in-8º 3\$000

*Elementos de algebra*, compilados pelo Exm. Sr. conselheiro senador C. B. Ottoni, 6ª edição, contendo a materia exigida pelo programma da escola polytechnica, 1 volume in-8º 3\$000

*Elementos de geometria e trigonometria*



- rectilínea, compilados pelo Exm. Sr. conselheiro C. B. Ottoni, 7ª edição, mais correcta e augmentada com numerosas notas e figuras intercaladas no texto, e impresso em typo menor, 1 volume in-8º 5\$000
- Noções de Historia Universal*, pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol 3\$000
- Geographia das provincias do Brazil*, pelo Dr. Moreira Pinto, 2ª edição, 1 vol 3\$000
- Noções de geographia geral*, pelo Dr. Moreira Pinto, 2ª edição, 1 vol. com illustrações 1\$000
- Noções da vida pratica*, por Felix Ferreira, 1 vol. 2\$000
- Noções da vida domestica*, por Felix Ferreira 2\$000
- Grammatica analytica da lingua portugueza*, por Ortiz e Pardal, 1 vol. 2\$000
- Grammatica iugleza*, por Motta 1 vol. 5\$000
- Grammatica latina*, por Clintock. trad. do Dr. Lucindo, 1 vol. 5\$000
- Noções de chimica geral*, pelo Dr. Martius Teixeira, 1 vol. 4\$000
- Curso de geographia geral*, pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, obra escripta de accordo com o programma de 1887, 1 vol. in-16 3\$000
- Bellezas de Chateaubriand, Regnier e Villemain*, por M. F. S. Marcou e G. do Prado, 1 vol. de 500 paginas. 3\$000
- Analyse logica*, (compendio) precedido de noções de syntaxe e rhetorica por G. Ch. Raoux Briggs, 1 vol. 1\$500
- Tratado de methodologia*, por Felisberto R. P. de Carvalho, 1 vol. 2\$000
- Historia sagrada*, de monsenhor C. Courturier, 1 vol. \$800

## OBRAS DIDACTICAS

## HILARIO RIBEIRO

## SÉRIE INSTRUCTIVA

PREMIADA PELO JURY DA EXPOSIÇÃO PEDAGÓGICA DE 1883 COM O DIPLOMA DE 1ª CLASSE

- Primeiro Livro de Leitura* (Syllabario) \$500
- Segundo* » » (Contos e dialogos) 1\$000
- Terceiro* » » (Conhecimentos uteis) 1\$500
- Quarto* » » (Os homens e as cousas). 2\$000

## SERIE EDUCATIVA

PREMIADA COM O DIPLOMA DE 1ª CLASSE NA EXPOSIÇÃO DE OBJECTOS ESCOLARES EM 1887

- Cartilha nacional*, ensino simultaneo de leitura e escripta. \$500

- Scenario infantil*, (novo segundo livro de leitura), 1 vol. com gravuras. 1\$000
- Na terra, no mar e no espaço* (novo terceiro livro de leitura), 1 vol. com gravuras. 1\$000
- Patria e dever*, elementos de educação civica e moral (novo quarto livro de leitura), 1 vol. 1\$000

## VANTAJOSOS ABATIMENTOS AOS COLLEGIOS

## Publicações recentes

A' VENDA NA LIVRARIA CLASSICA DE ALVES & C.<sup>a</sup>

RUA GONÇALVES DIAS, 46 e 48

- Martins Costa* — Tratado das Molestias do Coração e dos grossos vasos arteriaes Vol. 1º. Rio de Janeiro 1889. 10\$000
- Thomas da Silva Brandão* — Syntaxe e construcção da lingua portugueza. Rio de Janeiro 1888. 1 vol. in-8 cart. 3\$000
- Alfredo Moreira Pinto* — Apontamentos para o dictionario geographico do Brazil. Rio de Janeiro 1888. 4 vols. brocs. 20\$000
- Dr. Francisco Fajardo* — Hypnotismo. Rio de Janeiro 1889. 1 vol. br. 5\$000
- José Luiz de Almeida Couto* — Lições de clinica medica e therapeutica. Bahia 1888. 1 vol. in-8 br. \$
- Barão da Villa da Barra* — Divina Comedia de Dante Alighieri, fielmente vertida do texto. Rio de Janeiro 1888. 1 vol. in-8º brochado 4\$000
- Antonio Alves da Camara* — Ensaio sobre as construcções navaes indigenas do Brazil. Rio de Janeiro 1888. 1 vol. in-8º brochado 4\$000
- Pinto Portella* — A Orthopedia na Italia e França. Pariz 1888. 1 vol. in-8 br. 3\$000
- Rodrigues dos Santos* — De l'influence de l'impaludisme sur les femmes enceintes. Rio de Janeiro 1888 \$
- Rodrigues dos Santos* — Do emprego dos anti-septicos na septicemia puerperal. Rio de Janeiro 1888. 1 vol. in-8º br. 2\$000
- João Vieira de Almeida* — Pontos de latim, expostos de accôrdo com o programma para os exames geraes de preparatorios em 1888. S. Paulo 1888. 1 vol. in-8º brochado 2\$000
- José Pedro Xaxier Pinheiro* — Inferno de Dante Alighieri. Rio de Janeiro de 1883. Rio de Janeiro 1888. 1 vol. br. 4\$000